



História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Karls, Cleber Eduardo; Melo, Victor Andrade
Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX
História Unisinos, vol. 18, núm. 2, mayo-agosto, 2014, pp. 352-363
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866789005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX

Tradition and modernity: Bullfighting in the 19th century Porto Alegre

Cleber Eduardo Karls¹

cleber_hist@yahoo.com.br

Victor Andrade Melo²

victor.a.melo@uol.com.br

Resumo: Este estudo tem por objetivo discutir a experiência das touradas organizadas na Porto Alegre do século XIX, tendo em conta perceber sua relação com a circulação de ideias de modernidade em curso naquele momento. Para alcance desse intuito, foram utilizados, como fontes, periódicos publicados na cidade entre os anos de 1875 e 1900, especialmente *A Reforma*, *A Federação*, a *Gazeta da Tarde* e o *Correio do Povo*. Esperamos lançar um olhar sobre a capital gaúcha naquela transição de centúrias, inclusive no que tange às peculiaridades do trânsito e à apreensão de discursos modernos.

Palavras-chave: Porto Alegre, touradas, modernidade.

Abstract: This study aims to discuss the experience of bullfighting organized in 19th century Porto Alegre, considering its relationship to the circulation of ideas of modernity in progress at that time. To reach this objective, newspapers published in the city between the years 1875 and 1900 were used as sources, especially *A Reforma*, *A Federação*, *Gazeta da Tarde* and *Correio do Povo*. We hope to cast a glance at the state capital in that transition century, including aspects related to the peculiarities of traffic and reception of modern discourses.

Keywords: Porto Alegre, bullfighting, modernity.

Introdução

Poucos foram os estudos que se debruçaram sobre as touradas organizadas no Brasil. Muitos pesquisadores, inclusive, demonstram surpresa ao saber que foram promovidas com frequência em certos momentos de nossa história. De fato, sobre o tema é mais comum encontrarmos referências ocasionais em algumas investigações ou menções em relatos de viajante e de memorialistas.

¹ Aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer. Possui estudos de pós-doutorado em História Social e Teoria Crítica da Cultura.

Desde a primeira metade do século XVII, e mais constantemente a partir de meados do século XVIII, corridas de touros³ foram no Brasil promovidas, inicialmente integrando a programação de festejos que, relacionados a datas importantes da família real portuguesa, procuravam fortalecer os símbolos e a ideia de união do Império (Melo, 2013a).

No Rio de Janeiro, as corridas de touros foram mais frequentes exatamente no momento em que, em função das guerras napoleônicas, a família real portuguesa se estabeleceu no Brasil (1808-1821). No imediato pós-independência, contudo, deixaram de ser promovidas durante muitos anos: as muitas turbulências políticas se faziam sentir no cenário sociocultural, reduzindo a vida social da Corte.

Quando reapareceram na capital brasileira, na década de 1840, os eventos tauromáquicos já adotaram um novo modelo: não mais financiados pelo Estado, passaram a ser organizados por companhias profissionais que dependiam da acolhida do público para a manutenção dos espetáculos que, aliás, eram bastante custosos.

No caso da sociedade da Corte, alternaram-se períodos em que as touradas consolidaram-se, atraindo grande público, com outros em que desapareceram. Como razões para tal pode-se elencar questões estruturais da cidade (como epidemias, por exemplo) e dificuldades financeiras das empresas promotoras, mas também tensões diversas que se estabeleceram ao redor da tauromaquia.

Entre os frequentadores das corridas de touros, paulatinamente, foi aumentando o grau de exigência no tocante à organização e à emoção dos espetáculos, algo que nem sempre era atendido pelos promotores. Um dos desdobramentos da insatisfação do público foram tumultos nas arenas, situações que acabavam por acentuar as crescentes críticas à adequação da prática, levando mesmo, por vezes, a sua proibição. Numa cidade que progressivamente aderiu aos discursos de modernidade, aspirando “civilizar-se”, as touradas passaram a ser por alguns consideradas como um costume bárbaro e ultrapassado.

A chegada da República, com seus discursos de mudança, poderia significar que estava próximo o fim das corridas de touros na capital brasileira. Todavia, não foi o que ocorreu, pelo menos não de imediato: os espetáculos tauromáquicos permaneceram ativos até 1907, quando foram definitivamente proibidos no Rio de Janeiro⁴. Na

verdade, curiosamente, esse foi o auge da presença da prática na cidade que tanto pretendia ser (e em certo sentido era mesmo) a caixa de ressonância da mensagem de um novo tempo para o país (Melo e Baptista, 2013).

Pelo cruzamento de referências ao seu redor, as touradas parecem ser um valioso objeto de estudo. De um lado, por seu passado, era um espetáculo profundamente ligado à monarquia. O imperador brasileiro, entretanto, sempre aspirando representar a si e ao país que governava como adeptos da ideia de civilização, não apoiava a prática, jamais tendo comparecido a uma sessão⁵.

As corridas de touros jamais deixaram de ser uma lembrança do antigo colonizador. Eram, assim, para alguns, uma presença incômoda não somente por sua inadequação civilizacional, mas também porque lembravam um momento da história cujas referências deveriam ser substituídas pelas advindas dos “países desenvolvidos” (notadamente França e Inglaterra). A despeito disso, a muitos tais espetáculos entusiasmavam.

A princípio, as corridas de touros eram uma prática profundamente ligada aos costumes da aristocracia. O crescimento da cidade e o surgimento de um maior e mais influente setor empresarial, aliados às mudanças de mentalidade em curso, poderiam ter decretado sua extinção. Contudo, pelo menos no caso do Rio de Janeiro, não foi isso que ocorreu. Aliás, curiosamente, até mesmo um setor da burguesia nacional delas se aproximou e fez uso para divulgar suas bandeiras (como o abolicionismo)⁶.

As touradas não foram somente organizadas na capital do país. Há evidências de que houve espetáculos dessa natureza em Salvador, Recife, São Paulo, Belém, Curitiba e Porto Alegre, entre outras. Como nessas cidades foram acolhidas? Tendo em conta que as experiências de adesão aos discursos de modernidade foram distintas, como, nessas localidades ao seu redor, ter-se-iam manifestado os debates sobre sua adequação?

Esse estudo, considerando essas observações iniciais, tem por objetivo discutir a experiência das touradas organizadas na Porto Alegre do século XIX, tendo em conta perceber sua relação com a circulação de ideias de modernidade em curso na cidade naquele momento. Para alcance desse intuito, foram utilizados, como fontes, periódicos publicados na capital gaúcha entre os anos de 1875 e 1900, especialmente *A Reforma*, *A Federação*, *a Gazeta da Tarde* e o *Correio do Povo*.

³ Neste artigo, usaremos os termos “touradas” e “corridas de touros” como sinônimos. Na Península Ibérica, em Portugal e na Espanha, lugares de origem da prática no Brasil manifesta, é mais comum o uso do segundo termo. A instalação destinada à realização de espetáculos tauromáquicos é chamado de arena, redondel, praça de touros, circo de touros. Por vezes, eram construções bem precárias; em outras ocasiões, eram bem construídas e confortáveis.

⁴ Somente em 1934, uma lei federal proibiu as touradas em todo território nacional: decreto n. 24.645 de 10 de julho (Estabelece medidas de proteção aos animais).

⁵ De toda forma, as companhias tauromáquicas, por diversas vezes, tentaram se aproximar da família real, reservando um espaço especial na arena, pedindo seu apoio ou fazendo homenagens. Por exemplo, em Porto Alegre, a tourada de 2 de dezembro de 1881 foi dedicada a “comemorar o feliz aniversário natalício de S.M. D. Pedro II” (A Imprensa, 1881, p. 3). Observa-se que a grafia das citações foi atualizada.

⁶ Para mais informações sobre as touradas no Rio de Janeiro, ver Melo (2009, 2012) e Melo e Baptista (2013).

A Reforma, fundado em 1869, era um órgão do Partido Liberal. O periódico, onde atuavam muitas lideranças locais e nacionais, como Silveira Martins, fomentou muitas polêmicas políticas, mas, progressivamente, também abriu espaço para as questões cotidianas, inclusive para a crescente vida social da capital gaúcha (Ramos, 2010).

A Federação, lançado em 1884, como órgão do Partido Republicano Rio-Grandense, foi também dirigido por insígnias da política local e nacional, entre os quais Júlio de Castilhos. Veiculador de ideais positivistas, tinha forte relação com a experiência da Revolução Farroupilha. Esse perfil eminentemente político foi se ampliando no decorrer do tempo, incorporando ao jornal novas demandas e temas sociais: “enquanto a imprensa liberal manteve-se presa a tradições conservadoras, *A Federação* soube perceber os novos segmentos populacionais e urbanizados que surgiam, integrando-os a seu discurso e falando para eles e em nome deles” (Hohlfeldt, 2006, s.p.).

Duarte (2007) lembra que *A Federação* foi um dos primeiros jornais do Rio Grande do Sul a se mostrar atento a questões publicitárias. Além disso, promovia uma melhor seleção de notícias, apresentadas em estilo literário mais simples e acessível à população. Por seu perfil, não surpreende a presença constante das touradas nas páginas do periódico.

Já o *Correio do Povo* foi lançado em 1895, com a pretensão de atingir um público mais amplo, fugindo dos enquadramentos políticos que marcavam seus congêneres. Desde o início, procurou se apresentar como uma proposta de imprensa mais moderna e mais imparcial, uma iniciativa mais empresarial (Fagundes, 2012). Assim como *A Federação*, deu espaço constante para as touradas, inclusive porque dedicava grande atenção aos entretenimentos.

A Gazeta da Tarde, pelo menos no século XIX, tinha posicionamentos muito relacionados a um de seus principais nomes: Germano Hasslocher (cuja trajetória será mais à frente discutida). Era um periódico conhecido e respeitado por um estrato menor da população (Ferreira, 1975). Para entendermos melhor a posição desse jornal sobre as touradas, é bom ter em conta que constantemente defendeu um maior controle urbano (Marocco, 2003).

A promoção das corridas de touros na capital gaúcha já mereceu breves referências de outros autores, como Macedo (1982), Mazo (2004) e Pereira (2012). Nenhum deles, todavia, se debruçou mais detidamente sobre o assunto. Esperamos com nossa investigação, portanto, tratar de um tema que parece interessante para lançar um olhar sobre Porto Alegre naquela transição de séculos, inclusive

no que tange às peculiaridades do trânsito e à apreensão de discursos modernos na cidade.

As touradas em Porto Alegre: tradição e modernidade

Na capital do Rio Grande do Sul, no século XIX, havia leituras peculiares dos ideais de modernidade, mediadas pelo diálogo com certas dimensões regionais. Deve-se ter em conta que, no período, a província se destacava pelo fornecimento de produtos agrícolas e industriais derivados da agropecuária. Porto Alegre refletia o arranjo entre o rural e o urbano, entre antigos costumes e novos hábitos.

Para Pesavento (2007), tratava-se de uma cidade em transformação, que conjugava práticas modernas com atitudes tradicionais. O positivismo, de grande importância no contexto político local, se manifestava em uma sociedade que mantinha características ainda muito conservadoras. De toda forma:

A república havia trazido a Porto Alegre, com suas ideias positivistas, a meta da modernidade urbana e da organização disciplinada do espaço, de acordo com os ideais do progresso econômico e da ordem burguesa. Sonhos de mudança a serem aplicados numa cidade ainda acanhada, mas que almejava mudar (Pesavento, 2007, p. 172).

O ritmo das mudanças na capital gaúcha se acen- tuou com a fixação de imigrantes europeus. Se os portugueses já tinham se estabelecido desde o século XVIII, no decorrer do XIX, chegariam os alemães (a partir de 1824) e os italianos (a partir de 1870), entre outros estrangeiros. A outrora cidade tranquila, ao longo do século XIX, ganharia novos contornos. Forjar-se-ia uma nova urbe que se deixaria contagiar por valores burgueses e pela ideia de progresso (Pesavento, 1999)⁷.

Sempre marcou o espaço urbano um conjunto de diversões: “os jogos de entrudo, as festas do Divino, as corridas de cancha reta, as sessões de batuque e os ‘cumbis’ traçavam o panorama das vivências populares da Porto Alegre de então” (Pesavento, 1999, p. 30). Logo surgiriam, contudo, novos divertimentos, tais como competições esportivas e espetáculos diversos, entre as quais as touradas. A influência dos imigrantes, principalmente dos alemães, foi importante no que diz respeito à organização desses entretenimentos. A cultura europeia “importada”

⁷ Deve-se também considerar o aumento do número de habitantes. No Censo de 1872, estimava-se 446.962 moradores no Rio Grande do Sul. Em 1890, esse número crescera para 897.455; um acréscimo de mais de 100% em menos de 20 anos. Porto Alegre cresceu 19% entre 1872 e 1890 (de 43.998 para 52.421) e mais 40,5% até 1900, quando chegou a 73.647 habitantes (IBGE, s.d.).

foi encarada como indicador civilizatório, importante no processo de forjar a nova cidade.

Na verdade, os imigrantes também assimilaram alguns hábitos regionais, como, por exemplo, o uso cotidiano do cavalo, um animal que tem uma ligação direta com a história e a formação do Rio Grande do Sul. A mistura de costumes campestres com hábitos modernos favoreceu a manutenção da intimidade com os animais. Se, por um lado, havia os europeus com o seu associativismo e divertimentos como a ginástica e o esporte, por outro, havia o gaúcho, acostumado às carreiras e gineteadas. Esse encontro entre o tradicional e a inovação favoreceu o surgimento de novas práticas de diversão.

Enfim, tendo a “modernidade gaúcha” uma forte ligação com uma tradição rural, na qual a lida entre o homem e o animal era uma prática cotidiana, podemos dizer que as corridas de touros não eram tão estranhas aos hábitos locais.

Alguns autores, sem grande precisão, informam que as corridas de touros já eram promovidas em Porto Alegre desde 1875, lideradas por um notável toureiro, Francisco Frascuelo (Macedo, 1982; Pereira, 2012). De fato, nos jornais do Rio de Janeiro, encontramos notícias esparsas sobre a viagem de companhias tauomáquicas para o sul do país. Além disso, sabemos que Frascuelo atuou muitas vezes em Buenos Aires e Montevideu⁸. Não seria difícil que tivesse passado pela capital gaúcha.

Devemos também ter em conta que, no início dos anos 1870, houve muitas touradas em Pelotas e no Rio Grande⁹. No decorrer do tempo, inclusive, muitos originários dessas cidades em Porto Alegre se apresentaram¹⁰. Há que se considerar que, na região, até o início do século XX, se encontrava a vanguarda econômica da província. Em função disso, era intensa a vida cultural, e, diversificada a estrutura de entretenimentos, inclusive com forte presença de práticas esportivas (Mascarenhas, 2006).

A breve nota publicada em *A Reforma* de 17 de janeiro de 1875 parece ter sido um dos primeiros anúncios de que as touradas desembarcavam em Porto Alegre: “Corrida de touros – Hoje às 5 horas da tarde, no circo da Várzea, haverá corridas de touros. A diversão é inteiramente nova nesta cidade; e por isso grande deve ser a concorrência de povo” (*A Reforma*, 1875a, p. 3). Os espetáculos já eram organizados segundo um modelo que, com poucas alterações, permanecerá no decorrer do século: tratava-se de um acordo comercial entre o proprietário da arena, os donos dos animais e o diretor da companhia de toureiros.

A especulação do periódico parece ter se comprovado. As touradas rapidamente caíram no gosto da população, superando na preferência do público antigas diversões. Em função do sucesso, a temporada seria mesmo estendida até março. Mais ainda, vinda de outras cidades da região sul, em abril desembarcaria, na capital, outra companhia, liderada por João Fernandes, que apresentaria um espetáculo completo à moda portuguesa, trazendo uma novidade que entusiasmou o público: os forcados, que pegavam os touros “à unha” (*A Reforma*, 1875b, p. 3).

Em uma nota em que se comenta que uma apresentação de uma companhia dramática esteve esvaziada, sugere-se que o povo “está inclinado para outras diversões”, preferindo “jogos de força, equilíbrio e corridas bovinas” (*A Reforma*, 1875c, p. 3). O tom era de lamento, mas não de desprezo pelos novos divertimentos. O cronista apenas lembra que o teatro “também constitui uma escola”, merecendo, portanto, mais atenção.

Em outras oportunidades, observou-se a mudança de costume: a população preferiria o circo e as touradas ao teatro (*A Reforma*, 1875d, p. 1). Para o jornalista, isso seria uma prova de atraso da capital. Logo descobrir-se-ia que não: a diversificação e a melhor estruturação dos entretenimentos eram indicadores de que Porto Alegre “progredia”, e a valorização de práticas com animais tinha a ver com uma adesão peculiar às ideias de modernidade.

Em 1875, a cidade já tinha uma estrutura social mais diversificada. O jornalista de *A Reforma*, ao enumerar as opções disponíveis – apresentação musical no Teatro São Pedro, corridas de touros, função do Circo Casali, festa na Fábrica de Cerveja do Caminho Novo, exibição de uma retreta em frente ao Palácio do Governo –, observa: “Já veem os leitores, que sobram diversões no último domingo” (*A Reforma*, 1875d, p. 1). Os promotores das touradas chegaram a baixar o preço dos bilhetes, “atendendo à afluência de divertimentos nesta capital” (*A Reforma*, 1875e, p. 4).

A propósito, as corridas de touros foram organizadas no sítio que, no decorrer do tempo, se conformará como espaço por excelência não só das touradas como também de outras diversões, um lugar importante no que tange à sociabilidade pública em Porto Alegre: a Várzea do Portão que foi, em 1870, oficialmente denominada como Campo do Bonfim; posteriormente, foi renomeado para Campo da Redenção e, já no século XX, para Parque Farroupilha.

Depois das touradas de 1875, somente conseguimos informação sobre a temporada de 1881. O anúncio

⁸ Na verdade, Frascuelo atuou em muitos países, inclusive França, Espanha e Portugal.

⁹ Nos jornais do Rio Grande do Sul, houve referências às touradas da região. Por exemplo, em o *Amolador* (1874, p. 3), publicado no Rio Grande, sobre uma dessas ocasiões há uma charge que ironiza o touro de baixa qualidade.

¹⁰ Um dos mais famosos foi Carlos Augusto de Faria, vulgo Carlitos, um dos destaques das touradas em 1881 em Porto Alegre organizadas.

da sessão inaugural, contudo, nos dá pistas que antes houvera corridas: embora se informe que é a “primeira função”, observava-se que se tratava de uma “nova série de corridas” (*Gazeta de Porto Alegre*, 1881a, p. 3). Além disso, informava-se que os bilhetes estavam à venda pelos “preços de costume”. É possível, assim, que o Campo do Bonfim estivesse há algum tempo acolhendo espetáculos tauromáquicos.

As touradas de 1881 foram promovidas por um dos mais notáveis toureiros a atuar no Brasil: Francisco Pontes. No Rio de Janeiro, tornara-se um dos grandes responsáveis pela popularização da tauromaquia, por sua notável performance nas arenas, por sua capacidade de organizar espetáculos de qualidade e por seu constante envolvimento com a filantropia (Melo e Baptista, 2013).

A *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, chegou a sugerir: “de todos os artistas tauromáquicos que nos têm visitado, nenhum se tem distinguido mais do que Pontes”. Ele conseguiria aliar um “conhecimento profundo da arte difícil e arriscada” a “grande sangue frio, firmeza e perícia” (1878, p. 1). Conhecido como “rei dos toureiros”, tornou-se personagem conhecido na sociedade da Corte.

Em Porto Alegre, Pontes tornou-se também renomado. Na temporada de 1881, chegou a receber de presente uma valsa, “Primavera”, composta por João Fernandes de Souza Lima, a ele oferecida como “prova de simpatia e admiração, pelos seus méritos artísticos” (*Gazeta de Porto Alegre*, 1881b, p. 3).

O toureiro sempre procurava retribuir o carinho do público. Por exemplo, nas corridas de 11 de agosto de 1889, “tanto os bilhetes de sol como os de sombra” foram acompanhados de seu retrato, que poderia ser retirado “pela pessoa que os comprar antes de entrar para a corrida”. Explicitamente desejava agradecer “o publico e a imprensa d’esta capital, pela maneira generosa por que o têm acolhido, revelada nos abundantes aplausos prodigalizados à sua companhia e na valiosa proteção que lhe há dispensado” (*A Federação*, 1889a, p. 3).

Essa temporada de 1889 foi efetivamente a mais organizada até então na capital gaúcha. Ela merece nossa atenção.

Julho de 1889. É anunciado que o “Circo Tauromáquico”, dirigido por Pontes, ofereceria um “grande, variado e estrondoso espetáculo em que serão corridos sete valentes touros, todos novos e melhores que os da última corrida” (*A Federação*, 1889b, p. 3). A temporada estava a pleno vapor. Mais bem estruturada do que as ocasiões anteriores, dessa vez, a programação das sessões era mais

diversificada: eram oferecidas não somente as corridas de touros, como também atrações ao modelo das companhias circenses que, desde os anos 1830, já se apresentavam com frequência em muitas cidades brasileiras (Silva, 2007). Nas touradas de 1875 e 1881, já houvera o uso dessa estratégia, todavia, de forma bem mais comedida.

As touradas majoritariamente seguiam os moldes já consagrados no país, realizadas à moda portuguesa: sem a morte do touro no final, valorizando o toureio a cavalo, inserindo, na programação, os forcados e a pega do animal “à unha”. Além disso, a “embolação”, isso é, a colocação de armações de couro e metal nos cornos, para que não ferissem os toureiros, era em si uma atração.

No Brasil, essa modalidade se consagrara tanto por ser uma forma de contestar as críticas à “barbaridade” das touradas (já que não culminava com o animal sacrificado) quanto pelo envolvimento da grande colônia de portugueses no país estabelecida. De toda forma, em Porto Alegre, muitos toureiros espanhóis também foram apresentados como grande atração.

De fato, houve espetáculos com os touros em “aspas nuas”, isso é, chifres descobertos, o que aumentava o risco e a emoção. Além disso, em pelo menos uma sessão, foi anunciada a morte do animal na arena, sendo previsto que a carne seria distribuída “aos pobres” (*A Federação*, 1889c, p. 3)¹¹.

Nessa ocasião, transpareceu um incômodo com as touradas, que teve menos a ver com a prática como um todo, mas sim com o modelo adotado e a falta de habilidade dos toureiros, que maltrataram demais e não conseguiram matar o touro. Protestou-se “contra a selvageria, com que não está acostumado o nosso povo” (*A Federação*, 1889d, p. 2). O jornalista ironizou: “Quem perdeu com isso, ou antes, quem ganhou foi a pobreza, [...], porque só assim livrou-se de ingerir carne cansada e de sofrer as consequências d’essa má alimentação”.

Ainda que, em algumas ocasiões, houvesse ressalvas à atuação da companhia, em geral, os toureiros receberam grande destaque, ressaltando-se sua destreza e coragem. Lourenço Delgado, por exemplo, tornou-se um ídolo por sua capacidade de realizar técnicas muito distintas e arrojadas. Geminiano de Carvalho ganhou fama por ser um “artista ginástico” (*A Federação*, 1889e, p. 3). Isso tinha relação com o fato de que tinha força para suspender um touro, bem como porque aceitava desafios de luta romana, realizados em plena arena¹². Mais ainda, em mais de uma ocasião, enfrentou um animal muito feroz, chamado de Tigre Rochedo¹³:

¹¹ Para uma discussão sobre as duas formas de toureio, a portuguesa e a espanhola, ver Capucha (1988).

¹² Geminiano estreara nos eventos tauromáquicos na temporada de 1881, na ocasião somente apresentando suas “proezas ginásticas”. Naquele momento, contudo, a grande atração era Francisco Americo de Rezende, com seu “salto à vara larga”.

¹³ Essa referência relembra um fato da temporada de 1881, quando um touro bravo chamado de Tigre foi uma grande atração (ver *Gazeta de Porto Alegre*, 1881c, p. 3).

Não tem explicação o arrojo do festejado artista Geminiano, que é o primeiro brasileiro que atreve-se a enfrentar uma terrível fera como o TIGRE ROCHEDO. Tanta audácia será verificada pelos espectadores, que serão testemunhas dos enormes perigos a que se expõe o intrépido artista (A Federação, 1889f, p. 3).

O artista se tornou admirado em Porto Alegre. Chegou a inspirar a propaganda da Loja de Fazendas de Pedro Soares de Barcellos que, ao anunciar suas promoções de roupas, em letras garrafais evocava: “AO GEMINIANO E O FERROZ TIGRE ROCHEDO... É a última palavra” (*A Federação*, 1889g, p. 3).

Nas corridas de Porto Alegre, houve mulheres lidando com os touros. Em 1889, atuaram Petrona Nogueira, Maria Soares e, com muito destaque, a espanhola Maria Dolores, considerada “valente e corajosa heroína”. Ela chegou a enfrentar um touro com “aspas nuas”, além de encarar o quase onipresente Tigre Rochedo (*A Federação*, 1889g, p. 3).

Já na temporada de 1875, apresentara-se Julia Rachel, casada com o afamado toureiro Miguel Tranzado, anunciada como “a única n’este difícil trabalho em toda a América do Sul” (*A Reforma*, 1875f, p. 3). Suas proezas eram anunciadas com grande alarde, o mesmo que ocorreu com outra pioneira, que atuara nas corridas de 1881: Zulmira da Conceição (*Gazeta de Porto Alegre*, 1881c, p. 4).

Houve outras situações em que mulheres desempenharam papéis inusitados à época. Para as corridas de 4 de agosto de 1889, por exemplo, foi anunciado:

Duas grandes e atraentes novidades se apresentam n’esta tarde para fazerem as maiores delícias aos espectadores: duas destemidas e valentes heroínas rio-grandenses se apresentam na arena para disputar uma grande aposta em luta romana, da cintura para cima, as sras. Brígida de Jesus e Severina de Souza, as quais, em um intervalo, formarão a grande luta até que seja derrubada na arena, tendo a vencedora ganho a aposta e para esta decisão os espectadores em geral formarão o júri (A Federação, 1889h, p. 3).

Valerá no futuro discutir mais profundamente a participação dessas mulheres nessas práticas, em Porto Alegre mais intensa do que se observava em outras cidades, como no caso do Rio de Janeiro. Autores como Ismério (1995) e Leal (1996) já se dedicaram a compreender a peculiaridade da construção da imagem feminina no Rio Grande do Sul, muito influenciada pelo positivismo. É verdade que, em boa medida, isso significou uma visão

conservadora e moralista, mas também gerou um protagonismo que pode ter contribuído para aumentar sua presença pública. Trata-se de um importante debate que foge, contudo, aos limites desse estudo.

De toda forma, elas eram mais uma das atrações. Desafio, risco, humor, novidades: tudo isso tinha em conta atrair o público, a grande necessidade dos empresários no sentido de manutenção da prática. No anúncio da sessão de 14 de julho de 1889, vemos um apelo direto à assistência, uma estratégia que se tornou muito comum na trajetória das touradas no país (e também em Porto Alegre):

AO RESPEITÁVEL PÚBLICO. O beneficiado mais uma vez recorre aos seus amigos e a todos os amadores, pedindo lhes o seu concurso para abrilhantarem a sua festa, sem o que não poderá nutrir a esperança de ver coroados de bom êxito os seus ingentes esforços. Pelo que merecer do ilustre e generoso público, confessa-se o beneficiado eternamente penhorado (A Federação, 1889e, p. 3).

Era amplo o perfil da assistência. Os lugares no sol, em geral, eram vendidos a 1\$000, os na sombra a 2\$000 e os camarotes para cinco pessoas a 10\$000; crianças até 10 anos pagavam \$500. Essa diferença de preços/lugares marcava bem os diferentes estratos sociais que frequentavam os redondéis. Como bem define um cronista, em 1897: “Sol quente, abrasador, tropical, caustificando os cachacos nus da gente de poucos haveres, [...] e enervando os organismos pesados da burguesia remediada, que tem posses para abancar a sombra” (*Correio do Povo*, 1898a, p. 2). Comumente destacava-se a presença de mulheres, “em cujos semblantes se liam a avidez pelas fortes emoções que desperta este gênero de diversão” (*Correio do Povo*, 1897a, p. 1).

Sobre o público das touradas há outros indicadores interessantes. Por vezes, os anúncios se referiram à “distinta classe comercial” (*A Federação*, 1889i, p. 3). Mais ainda, a esse grupo, por meio do Club Caixeiral, foram dedicadas corridas. Vale lembrar que essa agremiação tinha um forte caráter de mobilização política, como sugere Duarte (2000, s.p.): “O CC de Porto Alegre tinha como objetivos a resistência, a instrução, a recreação e a prestação de socorros financeiros e pecuniários aos associados”. Entre os assistentes, todavia, não havia somente populares e estratos médios: também eram *habitués* membros das elites porto-alegrenses, inclusive muitas autoridades.

Os preços dos bilhetes eram similares aos de outras atrações do momento, como as corridas de cavalos realizadas no Jockey-Club Porto-Alegrense e as funções da Grande Companhia Equestre de Frank Brown¹⁴, que se

¹⁴ Essa companhia chegou a promover espetáculos conjuntos com a companhia tauromáquica (ver *A Federação*, 1889j, p. 3).

apresentava no Theatro de Variedades (*A Federação*, 1889k, p. 3). As touradas seguiam fazendo parte da tendência de diversificação das atividades públicas, de melhor estruturação de um comércio de “luxos” e entretenimentos, de valorização das práticas de lazer. Além das citadas, podemos ainda lembrar o Prado Boa-Vista, o Theatro São Pedro, o Club de Regatas, além de algumas sociedades esportivas, dramáticas e musicais.

Como era usual em outras cidades, também em Porto Alegre, foram organizadas touradas com fins beneficentes, uma iniciativa que ajudava a aumentar o reconhecimento social para com a prática. No caso das corridas que promoveu Pontes, era também uma forma de expressar sua vinculação a certas causas políticas. Já citamos sua ligação com a classe caixeiral, e também vale citar sua relação com as causas abolicionistas. No Rio de Janeiro, o toureiro se envolveu profundamente com a luta contra a escravidão (Melo e Baptista, 2013). Na capital gaúcha, uma das ocasiões em que isso se manifestou foi em uma sessão dedicada à Sociedade Floresta Aurora, uma ativa agremiação de negros (*A Federação*, 1889l, p. 3)¹⁵.

O mesmo houve em benefício da construção da Igreja de Nossa Senhora da Piedade, localizada no bairro Rio Branco (*A Federação*, 1889h, p. 3), onde morava boa parte dos negros da cidade (Rech, 2012). Pelos jornais, agradece-se a Pontes por ter contribuído com 32\$000 para as obras (*A Federação*, 1889a, p. 3). O seu nome, uma vez mais, ecoava como benfeitor. E assim ocorreria de novo quando ofertasse o valor de 200\$000 para ser dividido entre o hospício São Pedro, as obras do Asylo da Mendicidade, a Santa Casa de Misericórdia e as vítimas de uma seca na Bahia.

Situações semelhantes ocorreram em temporadas anteriores. Em 1875, touradas foram dedicadas à Sociedade de Beneficência Brasileira União (*A Reforma*, 1875g, p. 4), uma das muitas associações de socorro mútuo que foram fundadas em Porto Alegre na segunda metade do século XIX, e à Irmandade de Santa Barbara (*A Reforma*, 1875h, p. 4). Já em 1881, Pontes organizou sessões beneficentes dedicadas à Sociedade Emancipadora Rio Branco, formada por alunos abolicionistas da Escola Militar de Porto Alegre, e ao Instituto de Artífices (*O Século*, 1881, p. 4).

Se o formato das touradas em Porto Alegre era bem similar ao que se definirá no conjunto de tensões que marcava a prática em outras localidades, como no Rio de Janeiro, havia peculiaridades na capital gaúcha, notadamente indicadores de maior tolerância social.

Na cidade, em muitas ocasiões, ofereceu-se uma modalidade que se tornara usual no país: o touro para “curiosos”, isso é, para amadores que se candidatavam a enfrentar o animal por um prêmio (um bilhete de loteria ou dinheiro, entre outros, por vezes colocado no próprio animal). Na capital gaúcha, todavia, havia algo incomum: muitas vezes, destinou-se um “tourinho para se divertirem” (*A Federação*, 1889b, p. 3) crianças de até 12 anos¹⁶.

Além disso, deve-se ressaltar o destaque que recebiam os criadores de touros (bem como sua raça). Em todas as temporadas, isso se repetiu e, por vezes, tocou na questão da qualidade do gado gaúcho. Por exemplo, assim o cronista criticou uma sessão em que os animais não eram adequados: “É uma vergonha aquilo, e faz-se mister mostrar a esses artistas estrangeiros que se o Rio Grande não possui picadores e capinhas de tal fama, tem contudo touros fortes e bons, que dão perfeitamente para diverti-los a eles e para divertir nosso povo” (*Correio do Povo*, 1898a, p. 2).

Por vezes, uma mesma sessão tinha touros de diversos criadores, marcados com fitas de cores diferentes, exibidos ao público nos dias anteriores às corridas. Houve até mesmo, na temporada de 1875, uma curiosa aposta entre estancieros: “[...] um conto de reis, que será ganho por aquele que, na opinião dos julgadores, apresentar os touros mais bravos” (*A Reforma*, 1875e, p. 4).

Em outubro de 1889, quando a temporada já se encerrava, os amantes das touradas tiveram mais algumas oportunidades para assistir aos espetáculos que tanto apreciavam, anunciados com uma novidade: “Corrida de touros noturna – Aparatosa, ótima e deslumbrante corrida de 7 bravos e valentes touros” (*A Federação*, 1889m, p. 3). Em 1881, houvera várias provas semelhantes, com a arena iluminada a gás e o exterior com lampiões de petroleline (*Gazeta de Porto Alegre*, 1881c, p. 3). Essas ocasiões eram sempre celebradas como expressão de progresso, como sinal de que a cidade se sintonizava com as novidades que chegavam dos países mais desenvolvidos.

Como o encerramento da temporada de 1889 foi realizado no Teatro de Variedades, localizado no mesmo Campo da Redenção, houve preocupações com a segurança do público, que chegaram a mobilizar o chefe de polícia; nada que afastasse a assistência e diminuísse a curiosidade. Chegou-se, aliás, a providenciar bondes extras para o “Caminho Novo e o Menino Deus” (*A Federação*, 1889n, p. 3).

Não fora a primeira vez que isso ocorria. Outra situação curiosa ocorreu em 1881, quando foi organiza-

¹⁵ O grupo musical dessa sociedade atuou frequentemente nas touradas de 1889, como o fizera na temporada de 1881. Para mais informações sobre essa agremiação, ver Pereira (2007) e Zubaran (2009).

¹⁶ De forma menos frequente, essas provas já existiam nas touradas de 1875 e 1881. Nessas últimas, na verdade, houve amadores que integraram os programas em conjunto com os profissionais, ganhando mesmo destaque nas sessões.

da uma corrida noturna no dia 24 de dezembro: foram colocados bondes em frente à arena para que o público chegasse “a tempo de assistir à missa na capelinha do Menino Deus” (*Gazeta de Porto Alegre*, 1881d, p. 4)¹⁷.

Depois que Pontes e sua companhia partiram para o interior da Província, Rio Grande, Pelotas e Bagé, antes de retornarem ao Rio de Janeiro, a despeito do sucesso das corridas de 1889, somente em 1891, a cidade voltaria a receber espetáculos tauromáquicos, em uma nova arena construída no Campo da Redenção, na qual se apresentou uma companhia de espanhóis dirigida por Anastasio Mateo.

Essas funções foram irregulares. Algumas razões podem ser aventadas. Uma delas é o fato de serem touradas mais tradicionais, sem a inserção das atrações circenses, conforme ocorria no período anterior. O público gostava de estímulos diversos, que não eram atendidos somente pelas corridas, um formato que, pelo menos naquele momento, acabava por desinteressar parte da assistência, além de ser mais caro para manutenção. Além disso, os toureiros não lograram a mesma popularidade de Pontes e seus companheiros.

Em janeiro de 1892, *A Federação* dá conta do fracasso da iniciativa, ainda que algumas corridas com bom número de espectadores tenham sido realizadas. Encerrava-se melancolicamente a temporada com baixo público, o não cumprimento do programa por causa da chuva e touros de má qualidade. Como observa o jornalista: “Por cúmulo de caiporismo, a companhia que, como em quase todas as outras funções, só teve prejuízos, sofreu ontem ainda vivas demonstrações de desgosto” (*A Federação*, 1892, p. 2).

Durante muitos anos, só eventualmente surgiu alguma notícia sobre as touradas. Em 1895, uma lei municipal isenta companhias públicas de impostos. As tauromáquicas, todavia, ficaram de fora, causando estranheza no cronista de *A Federação*: “são as que, aliás, mais concorrem, ao lado das dramáticas particulares, para o desenvolvimento da nossa estética!” (*A Federação*, 1895, p. 1). É possível, portanto, que tenham se realizado corridas ocasionais no período. Nas fontes que consultamos, entretanto, não conseguimos mais informações.

Foi possível sim perceber que, em maio de 1897, teve início uma nova temporada, realizada no Circo de Touros, construído no Campo da Redenção. Os espetáculos foram conduzidos por uma companhia formada por espanhóis e portugueses (*Correio do Povo*, 1897b, p. 3). Mesclavam-se elementos das duas modas: algumas provas com touros de “aspas nuas” (comuns na Espanha) com outras cuja atração era o toureiro a cavalo e a apresentação de forcados (típicos de Portugal).

A sessão inaugural foi prejudicada pela intensa chuva, que interferiu no afluxo de público (ainda que tenha sido razoável o comparecimento da assistência), levou à interrupção do espetáculo em alguns momentos e deixou a arena muito enlameada, prejudicando a performance dos artistas. De toda forma, o cronista reconheceu a qualidade do touril (“vasto, alto e de construção muito sólida e bem cuidada”, oferecendo “todas as garantias de segurança e comodidades”) e dos touros (“gordos e bravios, perfeitamente em condições de se apresentarem as lides”). Quanto aos toureiros, sugeriu: “diante das dificuldades com que lutou a empresa, achamos prudente aguardar a função de domingo próximo para julgar o mérito dos artistas” (*Correio do Povo*, 1897c, p. 2).

Mesmo com os elogios, o empresário promoveu mudanças na arena (para aumentar o conforto) e contratou tanto novos toureiros quanto uma banda de música melhor. Na verdade, percebem-se sensíveis diferenças com a temporada de 1889. Tratava-se de um modelo de espetáculo mais estruturado. Mesmo a tradicional prova dos curiosos ganhou uma nova conformação: somente poderiam enfrentar os touros os amadores que recebiam uma autorização do diretor da companhia.

O promotor teve sensibilidade para perceber que já se tratava de um público mais exigente, entendendo que a continuação de seu negócio dependia de conformar estratégias para sempre envolvê-lo e bem acolhê-lo. A diversificação da programação era mais restrita, contudo. As novidades eram mais internas ao campo da tauromaquia, não tão circenses como as de 1889.

Era uma postura necessária numa cidade que diversificara ainda mais sua estrutura de entretenimentos. Lembremos que, desde 1881, isso já causava preocupações por dividir o público. Vejamos esse informe:

O espetáculo começara às 5 ½ da tarde, hora escolhida para que os frequentadores do Prado e do Theatro possam assistir a todas as diversões, sem prejuízo de tempo algum; pois devendo terminarem as corridas do Prado antes das 5 horas e começando o espetáculo no S. Pedro às 8 ½, hora esta em que já deve ter terminado a função no circo, os dilletandi das três diversões podem assistir a todas mui folgadoamente (Gazeta de Porto Alegre, 1881d, p. 4).

Assim como ocorrera em 1889, os nomes dos toureiros ganharam notoriedade. Era muito apreciada, por exemplo, a performance de Saturnino Nenê, membro da família de Joaquim da Silva Nenê, um dos destaques nas corridas de 1881, na época apresentado como “bi-

¹⁷ Na verdade, essa era uma providência usual na cidade, executada em ocasiões que mobilizavam grande público.

zarro amador porto-alegrense” (*Gazeta de Porto Alegre*, 1881e, p. 4). Em 1898, chegou à cidade outro renomado artista, Alfredo Tinoco, que já fizera fama na capital da República. Suas proezas eram narradas em tom épico. O público o admirava: “o que mais agrada o nosso povo: alta dose de coragem, admirável sangue frio, e uma acentuada predileção pelos passes arriscados, a que se aventura de instante a instante” (*Correio do Povo*, 1898a, p. 2). Alguns se tornaram verdadeiros atrativos:

Uma enchente à cunha, a ponto de ser suspensa a venda de bilhetes, por falta de localidades, teve anteontem a praça de touros, onde fez benefício o simpático e hábil artista Francisco Cruz. O circo, assim repleto, oferecia um belíssimo aspecto, vendo-se ali o que de mais escolhido tem a sociedade porto-alegrense (Correio do Povo, 1898b, p. 1).

Como de costume, poucas críticas eram veiculadas sobre a adequação das corridas de touros. Pelo contrário, por vezes, observava-se o quão “atenuada” era a modalidade que, no Brasil, se praticava. O cronista do *Correio do Povo*, quase lamentando, registrou: “As touradas não têm entre nós o bárbaro encanto dessa deliciosa selvageria que faz o orgulho e a característica das civilizadas gentes da Espanha” (1898a, p. 2). Para ele, “tudo ocorre sem maiores riscos”, sem lances sangrentos, sem grandes sensações: “Nem perigos, nem emoções violentas: - luta pacífica de inimigos que, quando pisam a arena, bem sabem já que é do prévio ajuste a cláusula humanitária de não se infligirem maus tratos”.

Porto Alegre acolhia com tranquilidade esses espetáculos com características rurais. Eventualmente, surgia alguma referência à superioridade das atividades teatrais, mas nada que desautorizasse as corridas de touros. De fato, foi mesmo manifesta por muitos a preferência pelas touradas, consideradas ajustadas às peculiaridades locais.

Havia até mesmo alguns posicionamentos curiosos sobre as similaridades entre as touradas e certas práticas rurais comuns em Porto Alegre. De fato, houve vezes em que se mesclaram as atividades. Por exemplo, na sessão de 24 de junho de 1875, integrou a programação uma corrida de argolinhas, na qual atuaram “campeiros [...] vestidos a caráter” (*A Reforma*, 1875i, p. 3).

Não poucas vezes, contudo, ressaltou-se a necessidade de marcar as diferenças entre as práticas. Observa, por exemplo, um cronista, em certa ocasião: “Outrossim, faz-se mister que o cavaleiro tenha trajo apropriado para

o trabalho, de modo a não se apresentar na arena como qualquer gaúcho que vai fazer aparte em curral de estância” (*Correio do Povo*, 1897a, p. 1). As corridas de touros eram encaradas como uma experiência moderna, ao contrário do que ocorria no Rio de Janeiro, onde já eram encaradas como persistências de um passado que deveria ser abandonado.

Críticas quando havia era à qualidade das apresentações, notadamente dos touros (um problema constante, já que era difícil conseguir animais adequados), da banda de música e da direção das atividades. Por vezes, também, contestou-se o preço dos bilhetes, que aumentara em algumas ocasiões (como ocorrera em 1898, quando dobrou de custo) (*A Republica*, 1898, p. 1).

Na verdade, houve pelo menos uma voz em Porto Alegre que se levantou contra as touradas. Seus argumentos merecem nossa atenção.

Em 1897, Germano Hasslocher era redator da *Gazeta da Tarde*. Filho de imigrantes alemães (fundadores da cidade de Santa Cruz do Sul), foi personagem de destaque na capital gaúcha. Advogado formado pela Faculdade de Recife (depois de ter passado por São Paulo), foi vereador, deputado federal e um dos líderes políticos mais ativos do Partido Republicano Rio-Grandense, tendo atuação marcada por suas posições liberais, abolicionistas, federalistas, anticlericais e pela defesa da liberdade de expressão¹⁸.

Para Germano, deveria o intendente municipal fazer cessar imediatamente “os tristes e selvagens espetáculos da praça de touros no Campo do Bom Fim” (*Gazeta da Tarde*, 1897a, p. 1). No seu modo de entender, na Espanha, até se poderia justificar a manutenção das corridas, já que eram desempenhadas com habilidade e faziam parte dos costumes do povo, mas, no Brasil, tratava-se de “uma diversão que já em si é contra as ideias do tempo em que vivemos”, podendo “concorrer para perverter o sentimento do povo”. Para fortalecer seu ponto de vista, lembrava que as repúblicas da América do Sul já tinham as proibido¹⁹.

Ele não media as palavras para execrar as touradas: “uma brutalidade sem nome, uma verdadeira infamia tolerada pelo poder publico que dá pasto à brutalidade humana” (*Gazeta da Tarde*, 1897a, p. 1). Tratava-se, a seu ver, de um monte de “maltrapilhos que martirisam pobre animais esfaimados”. O que para os defensores era considerado como suavidade, por não haver a morte do touro ao final, por Germano era encarado como explícita crueldade, pelas farpas no animal cravadas. Na sua descrição, o público, “contaminado pelo delírio da malvadez”, batia com “bengalas na triste fêra exausta, ensanguentada, arrastando

¹⁸ Para mais informações sobre a atuação política de Hasslocher, ver Pistoia (2009).

¹⁹ Na verdade, somente no Chile, fora já proibida na ocasião. Na Argentina, isso somente ocorreria em 1899. No Uruguai, ocorreu em 1912. Em alguns países, existe até os dias de hoje, como no Equador e no Peru.

sobre o pescoço descarnado um mundo de farpas”. Era uma visão do horror, nada glamourosa.

Indignava-lhe que ninguém levantasse a voz para denunciar o que considerava um descalabro. O centro de sua crítica era desconsiderar-se que a defesa dos animais era um sinal de civilização, “não porque esse sentimentalismo piegas inspire compaixão pelo irracional, mas porque é esse um meio de cultura, porque assim educa-se o sentimento público, exercitando-o na piedade pelos que sofrem” (*Gazeta da Tarde*, 1897a, p. 1). Tratava-se claramente de uma posição inspirada por seus princípios liberais e positivistas²⁰. Germano articulava ainda seu ponto de vista à defesa de uma condição de nacionalidade:

Somos brasileiros e devemos ter orgulhos nisto, porque os nossos costumes divergem muito da selvageria de povos que pretendem dar lições ao mundo. [...] Porque havemos de importar o que repugna aos nossos costumes e ir assim introduzindo inovações que podem perverter a grande pureza característica do nosso povo? (*Gazeta da Tarde*, 1897a, p. 1).

Hasslocher retomou o tema na edição de 12 de agosto. No seu entender, seu artigo teve boa repercussão em Porto Alegre: “Diariamente recebemos felicitações [...] e pedidos insistentes para que não cessemos a guerra contra aquella exibição cruel da estupidez e maldade humanas” (*Gazeta da Tarde*, 1897b, p. 1). Na sua avaliação otimista, “todo o mundo entre nós deseja ardentemente a proibição dos espetáculos”. A companhia estaria até mesmo cometendo irregularidades, adquirindo animais inadequados (terneiros e não touros). Por isso, reforçava o pedido para que o intendente, José Montaury²¹, colocasse “um ponto final na orgia”.

O jornal chega a comemorar a proibição das touradas em meados de agosto (*Gazeta da Tarde*, 1897c, p. 1). As corridas, todavia, ainda tiveram continuidade. Para o periódico, tratava-se de um absurdo, somente não sendo pior porque “O publico porto-alegrense procedeu correctamente negando seu apoio aos improvisados toureiros do Campo da Redempção” (*Gazeta da Tarde*, 1897d, p. 1).

Na verdade, parece que a interrupção teve mais relação com motivos comuns ao campo da tauromaquia, como a qualidade dos animais ou problemas financeiros da companhia. O fato concreto é que, em fevereiro de 1898, novas corridas de touro foram organizadas, contando de novo com grande público. A única grande diferença é que alguns jornalistas passaram a mais explicitamente defender a prática.

De fato, mesmo que não em todos os anos, nem com a mesma intensidade em todas as temporadas, pode-se perceber que houve touradas organizadas em Porto Alegre até 1934, quando houve a sua definitiva proibição no Brasil. Nessa ocasião, os eventos foram realizados no Anfiteatro Alhambra, localizado no costumeiro Campo da Redenção (*A Federação*, 1934, p. 2).

Podem ter, de fato, no recorte de nosso estudo, surgido em Porto Alegre outras vozes contrárias às corridas de touros, para além da de Germano. Nas fontes que consultamos, todavia, essas não aparecem. Efetivamente, encontramos o oposto: o elogio a uma prática que parecia reforçar certa representação identitária do habitante da província do sul. Moderno talvez, mas sempre gaúcho.

Breve conclusão

Como foi possível perceber, não surpreende o envolvimento dos porto-alegrenses com divertimentos com cavalos e gado, dado que havia uma proximidade histórica e cotidiana com esses animais. De fato, poucas foram as críticas à adequação das corridas de touros. Os espetáculos tauromáquicos na capital gaúcha eram mesmo vivenciados como uma experiência moderna, atraindo um público que se tornou cada vez mais exigente no que tange à qualidade, mas que não demonstrou grande apreensão com a “barbaridade” da modalidade.

No caso de Porto Alegre, os ajustes entre o rural e o urbano, entre o tradicional e o moderno, ajudam a entender a legitimidade de uma prática que estava tanto em xeque em várias localidades, inclusive na capital do país. Articuladas com importantes temas do momento, indícios da gestação de uma sociedade do consumo e do espetáculo, as touradas gaúchas nos permitem ver como os diálogos com a ideia de modernidade foram originais, eivados de peculiaridades, solicitando-nos um olhar atento e disposto a captar a sua complexidade.

Referências

- BAKOS, M.M. 1998. Marcas do positivismo no governo municipal de Porto Alegre. *Estudos Avançados*, 12(33):213-226.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141998000200016>
- CAPUCHA, L. 1988. O campo da tauromaquia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 5:147-165.
- DUARTE, L.A. F. 2007. *Imprensa e poder no Brasil - 1901/1915: estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS)*. Porto Alegre, RS. Dissertação

²⁰ Vale citar que Germano era um entusiasta do esporte, por ele considerado uma prática adequada aos novos tempos. Devemos lembrar que, no Rio de Janeiro, houve, por diversas vezes, essa tensão entre o esporte e as touradas (Melo e Baptista, 2013), algo que, de alguma forma, mesmo que indiretamente, supunha Hasslocher.

²¹ Ligado ao Partido Republicano Rio-Grandense e a Julio de Castilhos, Montaury foi o primeiro intendente de Porto Alegre eleito pelo voto. Sua gestão se caracterizou por uma série de intervenções urbanas, tendo em vista modernizar a cidade. Para mais informações, ver Bakos (1998).

- de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 195 p.
- DUARTE, P.C.B. 2000. A fundação e os objetivos dos Clubes Caixeirais no Rio Grande do Sul: 1879 a 1890. *História em Revista*, 6: s.p.
- FAGUNDES, A.T. 2012. *Há 100 anos no Correio do Povo: breve estudo sobre as reportagens policiais de 1912*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 134 p.
- FERREIRA, A.D. 1975. *Imprensa Literária de Porto Alegre no Século XIX*. Porto Alegre, UFRGS, 231 p.
- HOHLFELDT, A. 2006. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. *E-compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 7: s.p. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/118/117>. Acesso em: 30/09/2013.
- ISMÉRIO, C. 1995. *Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930)*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 120 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Sistema IBGE de Recuperação Automática. Disponível em: www.sidra.ibge.gov.br. Acesso em: 30/09/2013.
- LEAL, E.C. 1996. *O positivismo, o Partido Republicano, a moral e a mulher (1891-1913)*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 237 p.
- MACEDO, F.R. 1982. *Porto Alegre, aspectos culturais*. Porto Alegre, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 122 p.
- MAROCCO, B. 2003. Prostitutas, jogadores, pobres, delinquentes e vagabundos nos discursos jornalísticos Porto Alegre – século XIX. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXVI, Belo Horizonte, 2003. *Anais...* Belo Horizonte, Intercom. [CD-ROM].
- MASCARENHAS, G. 2006. Cluster esportivo-recreativo de Pelotas e Rio Grande-RS, 1880 – 1920. In: L. DACOSTA (org.), *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro, CONFEF, p. 215-216.
- MAZO, J.Z. 2004. *A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre – Brasil (1867-1945): espaço de representações da identidade cultural teuto-brasileira*. Porto, Portugal. Tese de Doutorado. Universidade do Porto, 366 p.
- MELO, V.A. 2009. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: M.D. PRIORE; V.A. MELO (orgs.), *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo, Editora Unesp, p. 35-70.
- MELO, V.A. 2013a. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. *Horizontes Antropológicos*, 19(40):365-392. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832013000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30/09/2013.
- <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832013000200014>.
- MELO, V.A. 2013b. Modernos? As grandes touradas do centenário (1922) e a reconciliação com Portugal. In: J.M.C.M. SANTOS; V.A. MELO (orgs.), 1922: *comemorações esportivas do centenário*. Rio de Janeiro, 7 Letras, p. 81-117.
- MELO, V.A.; BAPTISTA, P.D. 2013. *Sol e Sombra: touradas no Rio de Janeiro*. Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro, UFRJ, 175 p.
- PEREIRA, E.L. 2012. *As práticas equestres em Porto Alegre: percorrendo o processo de esportivização*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 156 p.
- PEREIRA, L.R.B. 2007. *Cultura e afrodescendência: organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002)*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 312 p.
- PESAVENTO, S.J. 1999. *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre, Editora UFRGS, 135 p.
- PESAVENTO, S.J. 2007. *Espaço, sociedade e cultura: o cotidiano da cidade de Porto Alegre*. In: N. BOEIRA; T. GOLIN (coords.). *República Velha (1889-1930)*. Passo Fundo, Méritos, p. 163-228.
- PISTOIA, C.D. 2009. *Violência física, material e moral no Rio Grande do Sul (1889-1920)*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, 209 p.
- RAMOS, G.B. 2010. *Anda que ninguém te valerá: violência contra escravos nas páginas do jornal A Reforma (Porto Alegre, 1870-1888)*. Porto Alegre, RS. Memória de Bacharelado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 55 p.
- RECH, T.B. 2012. *Casas de religião de matriz africana em Porto Alegre: territorialidades étnicas e/ou culturais a partir da antiga Colônia Africana*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 125 p.
- SILVA, E. 2007. *Circo-teatro: Benjamin de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil*. São Paulo, Altana, 434 p.
- ZUBARAN, M.A. 2009. A invenção branca da liberdade negra: memória social da abolição em Porto Alegre. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, 6(3):1-16.

Fontes primárias

- A FEDERAÇÃO. 1889a. Porto Alegre, 8 ago., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1889b. Porto Alegre, 5 jul., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1889c. Porto Alegre, 13 set., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1889d. Porto Alegre, 16 set., p. 2.
- A FEDERAÇÃO. 1889e. Porto Alegre, 12 jul., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1889f. Porto Alegre, 6 set., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1889g. Porto Alegre, 13 set., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1889h. Porto Alegre, 2 ago., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1889i. Porto Alegre, 20 jul., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1889j. Porto Alegre, 20 set., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1889k. Porto Alegre, 16 ago., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1889l. Porto Alegre, 27 jul., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1889m. Porto Alegre, 3 out., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1889n. Porto Alegre, 25 out., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1892. Porto Alegre, 7 jan., p. 3.
- A FEDERAÇÃO. 1895. Porto Alegre, 21 mai., p. 1.
- A FEDERAÇÃO. 1934. Porto Alegre, 22 mar., p. 2.
- A IMPRENSA. 1881. Porto Alegre, 2 dez., p. 3.
- A REFORMA. 1875a. Porto Alegre, 17 jan., p. 3.
- A REFORMA. 1875b. Porto Alegre, 21 abr., p. 3.
- A REFORMA. 1875c. Porto Alegre, 28 jan., p. 3.
- A REFORMA. 1875d. Porto Alegre, 23 fev., p. 1.
- A REFORMA. 1875e. Porto Alegre, 20 fev., p. 4.
- A REFORMA. 1875f. Porto Alegre, 12 fev., p. 4.
- A REFORMA. 1875g. Porto Alegre, 26 fev., p. 4.
- A REFORMA. 1875h. Porto Alegre, 4 jun., p. 4.
- A REFORMA. 1875i. Porto Alegre, 23 jun., p. 3.
- A REPUBLICA. 1898. Porto Alegre, 2 fev., p. 1.
- CORREIO DO POVO. 1897a. Porto Alegre, 15 jun., p. 1.
- CORREIO DO POVO. 1897b. Porto Alegre, 21 mai., p. 3.
- CORREIO DO POVO. 1897c. Porto Alegre, 1 jun., p. 2.
- CORREIO DO POVO. 1898a. Porto Alegre, 15 fev., p. 2.
- CORREIO DO POVO. 1898b. Porto Alegre, 12 abr., p. 2.
- GAZETA DA TARDE. 1897a. Porto Alegre, 9 ago., p. 1.
- GAZETA DA TARDE. 1897b. Porto Alegre, 12 ago., p. 1.

GAZETA DA TARDE. 1897c. Porto Alegre, 17 ago., p. 1.
GAZETA DA TARDE. 1897d. Porto Alegre, 8 set., p. 1.
GAZETA DE NOTÍCIAS. 1878. Rio de Janeiro, 9 jun., p. 1.
GAZETA DE PORTO ALEGRE. 1881a. Porto Alegre, 1 out., p. 3.
GAZETA DE PORTO ALEGRE. 1881b. Porto Alegre, 4 nov., p. 3.
GAZETA DE PORTO ALEGRE. 1881c. Porto Alegre, 7 dez., p. 3.
GAZETA DE PORTO ALEGRE. 1881d. Porto Alegre, 23 dez., p. 4.

GAZETA DE PORTO ALEGRE. 1881e. Porto Alegre, 26 nov., p. 4.
O AMOLADOR. 1874. Rio de Janeiro, 19 abr., p. 3.
O SÉCULO. 1881. Porto Alegre, 29 mai., p. 4.

Submissão: 01/10/2013

Aceite: 04/11/2013

Cleber Eduardo Karls
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, 1, sala 311
20051-070, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Victor Andrade Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, 1, sala 311
20051-070, Rio de Janeiro, RJ, Brasil